

Redução dos débitos, um plano com dificuldades práticas

O secretário do Tesouro dos Estados Unidos, Nicholas F. Brady, conseguiu a aprovação formal dos comitês do Fundo Monetário Internacional (FMI) e do Banco Mundial (Bird) para seu esforço de redução das dívidas do Terceiro Mundo. A nova e revolucionária estratégia para as dívidas deve ser implementada "em regime de urgência", segundo o comunicado dos dois organismos.

Mais isso não significa uma solução já pronta, opina Leonard Silk, articulista do **N.Y. Times**. Conforme diz, tudo depende de como e de quanto dos montantes da dívida (que totaliza US\$ 1,3 trilhão) passará por uma redução contábil; de onde virá o dinheiro que transforme dívida duvidosa em dívida sólida; dos riscos que o processo implica para os organismos credores, para os Estados Unidos e outros países; e das obrigações a serem impostas aos devedores para colocar em ordem seus assuntos fiscais e monetários.

Ainda falta negociar os detalhes. Um dos pontos cruciais destacados pela Inglaterra e Alemanha Ocidental na semana passada aponta que uma passagem da proposta de Brady preconiza a criação de garantias para os pagamentos de juros que incidirão sobre os novos títulos.

Alguns analistas céticos perguntam por que o Bird, o FMI e os governos credores devem ir em socorro dos bancos comerciais, que emprestaram sem tomar preocupações e agora se vêem a braços com crédito desvalorizados. E os críticos

temem que, embora os custos imediatos possam parecer baixos, as obrigações residuais talvez imponham um pesado ônus aos credores, se os novos empréstimos não derem certo.

Os EUA insistem na proposta das garantias, que o conselho executivo do FMI analisará mais a fundo. Na verdade, se os novos títulos não são mais confiáveis que os antigos, é difícil entender por que algum banco vai querê-los, ainda que sob a pressão do secretário Brady e do presidente George Bush. Uma vez que as garantias cobririam apenas parte dos juros incidentes sobre os novos empréstimos, o compromisso não seria grande se comparado com os recursos das instituições ou países credores.

O Bird e o FMI concordaram em fornecer, juntos, US\$ 25 bilhões. O Japão, que dá apoio tenaz a essa fórmula, disse que desembolsará US\$ 4,5 bilhões. É de presumir que os outros grandes credores contribuam com o mesmo montante do Japão.

No entanto, um porta-voz de uma firma especialista em cotação de títulos a prazo advertiu que, se as novas dívidas se deteriorarem, a posição do Banco Mundial nos mercados de crédito sofreria um abalo que bloquearia sua capacidade de tomar empréstimos. Mas, segundo insistem os EUA, isso parece improvável, pois o Bird continuaria fiel à sua política muito conservadora de não conceder empréstimos em demasia para não comprometer seu superávit de caixa.